

A INTERSEÇÃO DA FALA E A ESCRITA EM UM TEXTO JORNALÍSTICO

Eliete Luiz Diniz¹

I. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O objetivo deste trabalho é tentar mostrar a imbricação da fala e da escrita, a partir de um texto jornalístico, especificamente uma entrevista feita pelos repórteres da revista Caros Amigos, ano VII, nº 75, junho 2003.

Nessa entrevista, Ariano Suassuna, escritor pernambucano e grande contador de histórias, discorre acerca de vários assuntos e o que mais nos chama atenção no trabalho realizado pela equipe de reportagem é a apresentação da língua. O fato da entrevista não ser ao “vivo”, televisionada ou através de outros meios de comunicação, o funcionamento real da língua falada ocorre sem o mascaramento da língua escrita, ou seja, os “marcadores conversacionais” (MARCUSCHI, 1991, p.61), recursos utilizados na língua falada, ocorrem com uma grande frequência, muito próximo a uma interação face a face.

Sabe-se que este tipo de texto, inicialmente, possui tal metodologia, quer dizer, um jogo de perguntas e respostas com participantes frente a frente. Entretanto, por se tornar um texto escrito com todos elementos próprios dessa modalidade, esperava-se características típicas para essa espécie de comunicação, sem a presença destes elementos, priorizando, portanto, a língua padrão escrita.

Hipoteticamente, suspeita-se que, por ter o entrevistado declarado inicialmente não estar disponível para esta equipe de trabalho, uma das condições para a concessão é que o texto saísse literalmente como a produção.

Sendo assim, buscar-se-á fazer um estudo e uma análise da interseção² fala e escrita, a partir do *corpus* retirado do texto acima supra citado.

II. FALA X ESCRITA: ABORDAGEM LINGÜÍSTICA-TEXTUAL

Na história do estudo da língua, a escrita foi modelo utilizado para representar o padrão de um bom uso. Esse parâmetro tinha como objeto representativo de língua os textos literários. A partir do surgimento do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta – NURC, nos anos 70 (HEINE, 2000, p.01), a língua falada passou a constituir objeto de pesquisa.

A fala e a escrita, por muito tempo, foram estudadas com base em uma gramática codificada e não na língua em funcionamento, usada por um grupo social. Um outro fator é que elas eram vistas de forma dicotômica. A primeira sempre foi observada de modo preconceituoso, sem se levar em conta as suas características e nuances específicas. A segunda, por se pautar em grandes escritores, fora o modelo perfeito de uma língua a ser seguida pelos falantes, tanto na fala quanto na escrita.

Assim, em uma perspectiva dual, deixa-se de observar que ambas fazem parte do mesmo sistema lingüístico, e, como tal, a fala e a escrita variarão conforme a necessidade do usuário.

¹ UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana.

² Vê-se interseção no sentido geométrico, ou seja, ponto em que se cruzam.

Rodrigues (2001, p.13) analisa um diálogo do Projeto NURC/SP e identifica, neste *corpus*, por se tratar de falantes alfabetizados, sinais gráficos convencionados para a escrita, como letras maiúsculas e minúsculas, os pontos e outras características desta modalidade comunicativa. Entretanto, esta autora questiona, se em um *corpus* deste nível, é possível traçar tais critérios para esta possibilidade de comunicação.

O interesse de Rodrigues (2001) é buscar traços neste material que venham mostrar elementos distintos entre língua falada e língua escrita. Para a primeira, afirma só acontecer em um contexto situacional específico e com características individuais e possíveis laços de união. Assim, a conversação corresponde a uma interação, com um objetivo comum de fala que será a troca de idéias acerca de determinado assunto. Quanto ao planejamento, há uma confirmação de que a língua falada apresenta uma tendência para o não planejamento, sendo elaborada localmente, administrada passo a passo. Dessa forma, a cooperação entre os interlocutores se faz indispensável. O envolvimento vai ocorrendo durante o diálogo, à medida que há confirmações da fala dos interlocutores através da utilização dos marcadores conversacionais. Para a segunda, a criação do texto é unilateral, com sinais gráficos convencionais da escrita, como letras, parágrafos, e a leitura deste terá um jogo entonacional e pausas, com musicalidade, conforme os sinais de pontuação, típicas da língua escrita. Logo, o texto escrito já “nasceu” escrito, não constitui transcrição de uma fala. Por não haver uma interação face a face, o escritor não se preocupa em prender a atenção do leitor, elabora sozinho, sem a cooperação do leitor. Aquele terá mais tempo para a produção, assim como o leitor, mais tempo para entendê-lo.

Rodrigues chega à conclusão que as diferenças entre língua falada e língua escrita são os processos de falar e de escrever ou as condições de elaboração do texto falado e do escrito.

Marcuschi (1991, p.62), ao analisar os marcadores conversacionais, afirma que na análise da conversação, não é possível empregar as mesmas unidades sintáticas usadas para a língua escrita e que os marcadores do texto conversacional são específicos com funções conversacionais e sintáticas. Os recursos utilizados para este propósito podem ser verbais, não-verbais e supra-segmentais, à proporção que ocorre troca de falantes, mudança de tópico, nas falhas de construção; ainda podem operar como iniciadores ou finalizadores.

Pautado na teoria linguística alemã, Marcuschi diz que, tanto na produção oral ou na escrita, o sistema linguístico é o mesmo para construção de frases, entretanto as regras de efetivação e os meios empregados são diversos e específicos. Em relação a marcadores verbais, registra que estes não contribuem com novas informações para o desenvolvimento do tópico, mas situam-no no contexto geral, particular ou pessoal da conversação. Para Marcuschi, eles possuem tipos, funções e posições, consoante a fonte de produção como sinais do falante e do ouvinte e, conforme a função, conversacional e sintática; além das várias posições que poderão vir a ocupar no “diálogo”.

Ao apresentar um quadro desses sinais conversacionais, com base em *corpus* NURC – Recife – Inq. 27, Marcuschi (1991 p.89) subdivide-os em sinais do falante que orientam o ouvinte, tanto em início e final de turno, ou seja, pré e pós posicionados, como os sinais do ouvinte para orientar o falante, representativos, semanticamente, de situações convergentes, indagativos e divergentes.

Concernente às funções conversacionais e sintáticas, dar-se-á ênfase às primeiras, uma vez que estas serão mais relevantes para o propósito.

As funções conversacionais são observadas sob dois aspectos: sinais produzidos pelo falante e os produzidos pelo ouvinte. Os primeiros servem para “sustentar o turno, preencher pausas, dar tempo à organização do pensamento” e outros tantos objetivos; os segundos servem para orientar o ouvinte e monitorá-lo quanto à recepção, muito mais como encorajadores ou desencorajadores, ou seja, uma busca de esclarecimentos.

Marcuschi (2001, p.35) defende que, no item “aspectos relevantes para a observação da relação fala e escrita”, a língua reflete a organização da sociedade, seja esta língua usada na modalidade falada ou escrita, já que ela mantém relações complexas com as representações e as formações sociais, observando a funcionalidade geral mais presente na fala. Nessa defesa, salienta que nem a fala possui propriedades negativas, como também a escrita não tem propriedades privilegiadas, ou seja, nega a

análise dicotômica feita anteriormente para estas modalidades e privilegia as práticas específicas quanto aos modos de representação cognitiva e social. Portanto, a superioridade de uma sobre a outra se apresenta como uma visão equivocada, já que deve se considerar o aspecto que se compara, qual o foco que se pretende dar, e uma relação não homogênea nem constante, uma vez tanto a fala como escrita estão sempre em processos de variações.

Os usos cotidianos da língua comprovam que as práticas sociais serão as norteadoras da utilização da oralidade ou da escrita e não domínios estanques e dicotômicos, uma vez que elas são “duas práticas sociais e não duas propriedades de sociedades diversas”.

Marcuschi (2001, p.37) defende, portanto, que é necessário analisar a fala e a escrita a partir de um “continuum tipológico das práticas sociais de produção textual”, apresentando daí um “conjunto de variações”. Estas variações (apresentadas em gráficos) ocorrerão conforme os domínios lingüísticos da fala e da escrita com base em gêneros textuais, ora de uma ora da outra. Os textos aí produzidos podem se entrecruzar sob muitos aspectos e, por vezes, tornarem-se mistos, como, por exemplo, num noticiário televisivo. O fato é que são realizações de uma gramática única, mas, semanticamente, têm peculiaridades com diferenças acentuadas, de modo que a escrita não representa a fala.

A partir de um gráfico demonstrativo, esse autor faz uma representação do contínuum dos gêneros textuais da fala e da escrita em situações de uso nas comunicações pessoais, públicas; textos instrucionais e acadêmicos para a segunda e, para primeira, apresenta os gêneros das conversações, uma constelação de entrevistas, apresentações, reportagens e exposições acadêmicas. Com este quadro, Marcuschi mostra que, entre estes gêneros, podem-se observar menos diferenças entre o uso dessas modalidades e que fala e escrita variam igualmente.

Para concluir, diz:

O *contínuo dos gêneros* textuais distingue e correlaciona os textos de modalidade (fala e escrita) quanto às estratégias de formulação que determinam o *contínuo das características* que produzem as variações das estruturas textuais-discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade etc., que se dão num *contínuo de variações*, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de *contínuo sobrepostos*.

III. APRESENTAÇÃO DO CORPUS

A partir dos estudos fundamentados em Marcuschi (1991), foi selecionado o texto da Revista Caros Amigos para analisar o uso dos elementos lingüísticos presentes na fala em um texto tipicamente escrito. Esse texto intitulado “Eu não faço concessão NENHUMA” está estruturado em colunas verticais com um total de oitenta e quatro perguntas e respostas em igual número, e às páginas trinta e quatro a quarenta e um.

O interrogatório foi revezado entre seis entrevistadores dessa revista: Marina Camarotti, Diana Moura, Marco Bahé, Inácio França, Miguel Falcão, Samarone Lima, com fotos e desenhos de Ariano Suassuna.

Embora o caráter dialógico da linguagem, através de perguntas e respostas em estrutura escrita, seja o esperado, nestes textos, buscar-se-á examinar exatamente os porquês de um texto, no qual deveria predominar as características da língua escrita, apresentar-se marcas da língua falada.

ANÁLISE DO CORPUS

Através de um diálogo assimétrico, ou seja, dirigido pela equipe de reportagem, a entrevista ocorre de forma em que perguntas são endereçadas ao entrevistado e este tem o papel de responder. O diálogo ora se dá com questionamento com frase completa, com marcadores da escrita, próprios para tal modalidade de comunicação, ora o ponto interrogativo e outros, ora com reticências. Elas apresentam estruturas diversas: períodos curtos, nominais ou verbais, e períodos muito longos. A estes entrevistadores, a posição de iniciadores, orientadores do trabalho, não era suficiente, já que, em alguns momentos, compartilhavam ou colaboravam com Ariano Suassuna em suas respostas. Assim, o conhecimento partilhado entre eles dava-se igualmente a um bate papo informal, no uso cotidiano da língua.

Um outro dado típico da oralidade, muito presente neste texto, são as falas iniciadas e não concluídas, ou seja, interrompidas e marcadas com as reticências. Assim, as modalidades se mesclam com esses sinais. Este fenômeno aparece nas falas dos entrevistadores e do entrevistado.

Observa-se, mais precisamente, a utilização da língua do sujeito entrevistado, como já salientado, de forma muito espontânea. Os recursos utilizados, nessa entrevista, são de cunho verbal e, pela própria característica do texto – entrevista escrita – não se observa os marcadores não-verbais (olhares, risos, gesticulação...) e os supra-segmentais (pausas, tom de voz), conforme MARCUSCHI (1991, p. 62).

Os recursos verbais predominantes foram os seguintes: acentuado uso da negação (não) em duplicidade, não é?, aí, então, olhe, muito bem, entendeu?, agora, não sabe?, daí, veja bem, pronto, bom e aí, agora repare, ô, então veja, tá errado, vai/vai, está certo?, já?, o dono – ele, venha cá, está entendendo?, rapaz, sabe?, não/nunca, é/ta aí, noutra, sabia disso?, repare bem, pois bem, foi?, nada?, então tá, não sabe? Peraí, agora/ então, oxente!, não foi?, nunca/não, taí, tinha ganho, arengar.

É necessário ater-se a cada um desses sinais do ponto de vista das posições na frase, a objetividade do uso e, assim, compreender melhor a recorrência deles em entrevista escrita. Em várias partes da entrevista, o entrevistado recorre à negação em duplicidade, fenômeno lingüístico marcante na oralidade, seja com a partícula negativa não, com um número de vinte e nove vezes no texto seja com a dupla “nunca/não”, com uma menor recorrência, em posições de início e final de frases: Ex: “E não é brincadeira, não.”. Já a expressão interrogativa “não é?”, que tanto os interrogadores e interrogado fazem uso, aqueles com um número menor (três vezes) e este com o total de vinte e um; aparece no final do turno, ou no final da interrogação e, até mesmo, em meio à resposta. Em todas as posições, observa-se que a intenção é solicitar ao interlocutor a confirmação ou aprovação da mensagem dada. Igualmente, no mesmo sentido, vão aparecer as formas “entendeu?”, “está entendendo?” “está certo?” em posição final na sentença, usadas pelo entrevistado.

Os marcadores “aí” e “então”, também com grande frequência (o primeiro com um total de quarenta e quatro e o outro com dezesseis), estão, predominantemente, no início da frase e do turno, estes amuletos estão indicando a possibilidade da continuação do assunto iniciado.

O sinalizador de posição inicial, “olhe”, apareceu com menor frequência, com a intenção de prender o ouvinte para maior atenção ao que será mencionado, assim como as expressões “repare bem”, “repare só”, “veja bem” as quais têm o mesmo objetivo, entretanto ocupa posição de meio de sentença.

“Agora”, nesse texto, não é um marcador temporal, mas um indicador de oposição referente à mensagem dita, bem como ele vai aparecer em sentenças em posição medial no texto, como, por exemplo, “Mestre Ambrósio toca o ritmo nosso. Agora, veja bem, isso não é um assunto que me interessa”. A expressão “já?”, em final de frase, como exemplo “... não sei se vocês sabem disso, mas vocês já viajaram daqui pra Paraíba, já?”, não indica tempo e, sim, mais uma possibilidade de confirmação e aceitação do fato.

O marcador verbal “pois bem”, para Ariano Suassuna, semanticamente, tem o mesmo valor de “olhe”, entretanto o primeiro também pode representar um chamamento para que o interlocutor acompanhe a seqüência do assunto.

Como na oralidade, o entrevistado vai também fazer a escolha de um sujeito duplo, muito recorrente nessa manifestação lingüística, utilizando em uma sentença “o dono – ele”. O primeiro um SN (sintagma nominal) e o segundo Spro (sintagma pronominal). Observa-se que um outro fenômeno lingüístico, que marca a fala, é a redução de vocábulos verbais como “tá”, “perai”, “taí”, para representarem as estruturas está, espera aí, está aí. Comumente, são elementos encontrados em textos escritos, especificamente no tipo narrativo com diálogo.

Do mesmo modo, neste processo, os falantes do português no Brasil vêm transformando, na oralidade, as formas verbais compostas como “tinha ganhado” para a estrutura “tinha ganho”, assim, com uma forma irregular para o verbo no particípio “ganho”. Nessa entrevista, o fenômeno ocorre com pouca freqüência, mas se reconhece como um fato muito acentuado na fala ultimamente.

A interjeição, “oxente!”, vem marcar, provavelmente, uma característica e um vocábulo de uso regional, bem como a forma “arengar”.

Percebe-se, através desse breve estudo, que as possibilidades de continuar analisando a língua de forma dicotômica não são mais procedentes, já que estas marcas estão bem contextualizadas nesse texto.

A interseção da fala e escrita, neste corpus, comprova que as necessidades de uso de uma língua em funcionalidade levarão a uma imbricação delas, já que o sistema lingüístico é único. O usuário da língua é que adequará a cada gênero textual³ a representação cognitiva e social necessárias para uma interação no meio social.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As observações feitas, no decorrer deste estudo, vêm confirmar que estas duas modalidades de comunicação humana, língua falada e língua escrita, fazem parte de um mesmo sistema lingüístico. Analisá-las de forma isolada pode levar a uma continuação das posições cientificamente tomadas ao ignorar a língua no seu principal papel no meio social: a interação dos seres participantes de uma sociedade.

Percebe-se que elas estão de tal maneira imbricadas, que é necessário observá-las a partir de um gênero textual que se quer enfatizar. Assim, como salienta Marcuschi (2001, p.41), não se corre o risco de continuar estudando a língua dicotomicamente, já que, do ponto de vista dos usos cotidianos, existe, nas práticas sociais, a necessidade ora de utilizar-se a fala, ora a língua escrita, adequando-as conforme o uso social. Ter a língua como fenômeno sociocultural e maneira de interação é concebê-la enquanto meio de possibilidade e criação do próprio interlocutor, ser integrante de uma sociedade e de um novo mundo, com condição de convivência respeitosa entre os seus participantes. Vendo este ambiente mais “vivível”, o homem terá melhor convívio consigo, com o outro no meio social, econômico e lingüístico.

A partir de estudos focados nos gêneros textuais, vê-se, com nitidez, que os textos são mais híbridos do que se imagina, como se viu no corpus analisado.

Diante dessa visão, enfatiza-se a busca de dizimar o enfoque preconceituoso dado à fala e a exaltação dada à escrita, como já se mencionou, deixando claro que aquela não é caótica e esta não é uma representação da oralidade.

Os elementos lingüísticos estudados confirmam uma coerência, proporcionando uma interação efetiva dos participantes do diálogo. Assim, essa interação ocorreu com tanta intensidade, uma vez que

³ Ver gêneros da fala e escrita em MARCUSCHI, 2001.

os interlocutores interferiram no turno uns dos outros, ou seja, a condição para a produção do texto deu-se de forma partilhada e construída passo a passo.

Logo, concorda-se com a defesa de Marcuschi (2001), já referendada, quando diz que os marcadores conversacionais presentes na fala são colaboradores na formação do texto, a fim de orientar falante e ouvinte e que estes sinais trarão não só coerência como coesão ao texto construído em coletividade.

Por fim, observou-se que os elementos lingüísticos aqui estudados, tidos como verbais, não estão no texto aleatoriamente, mas com um grande papel tanto do ponto de vista das posições que ocupam quanto as funções desempenhadas, principalmente no campo semântico. Todos eles possuem uma significação, conforme o objetivo dos interlocutores.

REFERÊNCIAS

HEINE, Lícia Maria Bahia. **Aspectos da língua falada**. Salvador: UFBA, 2000, Mimeo.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1991.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividade de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

Revista Caros Amigos. **Eu não faço concessão NENHUMA**. São Paulo: Casa Amarela, Ano VII, junho 2003.

RODRIGUES, Ângela C. Souza. Língua falada e língua escrita. In: **Análise de textos orais**. São Paulo: FFLCH-USP, 2001.